

Vista de Vianna do Castello do lado do caes

VIANNA DO CASTELLO

O CAES [1]

Poucas terras de Portugal gozam de uma situação como a da cidade de Vianna do Castello, pois que possue quatro predicados que raras vezes se encontram reunidos. É uma situação bella para a vista, commoda para andar, hygienica para a saude, e vantajosa para o commercio.

Sentada na margem direita do Lima, junto da sua foz, espelhando-se no rio, vê-se cercada de verdores: porque de um lado, para léste, estendem-se os prados vecejantes e os arvoredos frondosos das margens do Lima; e do outro, para oeste, o bosque do passeio publico, sobre o rio, proximo da barra, e a copada alameda do *campo de Nossa Senhora da Agonia*, que vae findar nas praias do Oceano. É este um privilegio que a natureza concedeu á formosa provincia do Minho, porque de ordinario as areias e ares salinos do mar esterilisam e tornam aridas as terras que se lhe avisinham.

Como está edificada em uma planicie, póde-se correr toda a cidade sem fadiga. Os ares do Oceano, já de si saudaveis, e ainda mais purificados pelos arvoredos silvestres e pomares que bordam o rio e os campos, e pelos pinhaes que assombram as collinas d'além, fazem saluberrima a cidade, que tambem o é pela abundancia e excellencia das aguas que alimentam muitas fontes publicas e particulares.

Cabeça de um districto fertilissimo, que confronta com outros não menos productivos; dispondo de um porto do Oceano accessivel, e frequentado por embarcações de alto mar, de lotação mediana, mas que é susceptivel de melhoramentos que o restituam ao seu estado antigo, em que recebia com facilidade grandes navios; e em fim possuindo uma alfandega, que lhe permitte e facilita o seu progressivo movimento commercial; tem em si condições geographicas e economicas de summa importancia para o commercio, e para os mais ramos da industria.

Além de todas estas vantagens desfructa Vianna ainda outra, que lh'a podem invejar as mais cidades do reino, incluindo tambem Lisboa. Consiste em ter um bello caes de cantaria desde a barra, onde começa, junto ao castello de S. Thiago, até quasi ao extremo opposto da cidade, offerecendo em toda a sua extensão diversos e commodos desembarcadoiros. Começou-se esta grande obra no principio do seculo passado com o designio de encanar o rio, e desembaraçar a barra das areias que a obstruem. Depois de estarem parados os trabalhos por muitos annos, durante os quaes se areiou por tal modo o porto, que apenas admittia navios de mui pequena lotação, continuaram as obras no anno de 1805. A invasão dos francezes e mais successos de 1807 e 1808, vieram de novo interrompel-as. Passado algum tempo depois da pacificação do reino, recomeçaram, mas não tardou muito que as nossas dissensões politicas as fizessem novamente paralysar.

Quando as paixões, um pouco acalmadas, deixavam ao governo attender aos interesses publicos, lá se dava mais ou menos vigoroso impulso ao melhoramento da barra de Vianna. Todavia, não obstante os esforços empregados, as obras projectadas estão ainda longe da sua conclusão. Do lado do norte adiantou-se muito a canalisação do rio, construindo-se o caes de que acima fallámos. Porém da parte do sul ficou atrazado o encanamento, chegando comtudo a construir-se um

[1] Vid. a descripção da cidade de Vianna do Castello a pag. 385 do vol. IV.

bom lanço de muralha de cantaria, a principiar no cabedello, em frente do castello de S. Thiago. N'estes ultimos annos tem-se feito alguns estudos e procedido a varias obras para melhoramento da barra, a principal das quaes consiste em um paredão, que ligue a terra firme com uns rochedos que se levantam do seio do mar, em frente da foz do Lima.

O caes de Vianna do Castello, além da sua importancia para o porto como obra hydraulica de mui solida construcção, é um passeio lindissimo, e de muito trafego commercial, porque em umas partes dão-lhe animação os navios e embarcações de cabotagem, recebendo e descarregando generos do paiz e do estrangeiro, para a alfandega, que se acha proxima do rio; em outras partes é o commercio interior que faz o movimento, trazendo continuamente ao caes muitos barcos da navegação do rio, carregados de productos industriaes e de passageiros.

A cidade prolonga-se em todo, ou quasi todo, o seu comprimento com este caes, correndo de léste para oeste, mas deixando grande espaço de terreno livre entre as casas e o Lima. Além do *passeio publico* aformoseiam o caes outras plantações de arvoredo, e chafarizes com certa elegancia de fórmas, d'onde as embarcações se fornecem de aguada. I. DE VILHENA BARBOSA.

O CHANCELLER BACON

(Vid. pag. 228)

III

No seculo XVI a Europa culta, como que opprimida pela tradição e affrontada pela auctoridade, pára, hesita, duvida, e começa a inquirir se o caminho que até alli seguíra é de feito o mais racional e consoante aos destinos da humanidade.

A fé pergunta: O que é que eu creio? A philosophia interroga: O que sei eu?

A fé sae triumphante das duras provações a que a sujeita o espirito rebelde de Luthero. A philosophia e a sciencia, moldadas servilmente nas fórmas tradicionaes da antiguidade, espera o seu grande reformador. Ganhou a fé com a heresia do famoso augustiniano, porque na egreja se levantou debate sobre os abusos com que a haviam contaminado as paixões humanas e as mundanidades do interesse temporal. Lucraria tambem a philosophia com o Messias da razão o depurar-se dos seus erros, o emancipar-se do seu jugo, o soltar-se das suas cadeias, o renunciar á rude sciencia da puericia para alcançar a sciencia aperfeiçoada da edade varonil.

A chamada reforma religiosa, posto que heretica e offensiva á auctoridade da egreja universal, tinha um lado perdoavel e fecundo. Era o seu proposito de invocar, como fundamento primordial da fé christã, o testimunho das escripturas, e reconhecer na palavra divinamente inspirada, a sua incontestavel e infinita preeminencia sobre a auctoridade, embora piedosa, mas humana; arrancar os espiritos das subtilezas da escholastica á meditação dos livros santos. Esta revolução espiritual, que, mal encaminhada e abusiva nas regiões da theologia christã, levava á heresia, da heresia ao racionalismo, do racionalismo á impiedade, era na philosophia e nas sciencias experimentaes a tendencia manifesta do entendimento. Havia dois livros egualmente sagrados, egualmente dictados pelo Creador, e em que estava compendiada toda a fé e toda a sciencia. Um livro, inspirado pelo Espirito Divino; o outro escripto pelo *fiat* omnipotente e estampado na immensidade: a Escriptura e o Universo; a *Biblia* e o *Cosmos*. Reconduzir o espirito desde o labyrintho da theologia escholastica e da erronea tradição humana até á palavra litteral de Deus; ensinar de novo ao entendimento a fugir dos erros da auctoridade para chegar á directa e experimental contemplação do mundo physico, era fundar a dupla regeneração moral do homem, lustrando a fé de todas as profanas impuridades, e illuminando a sciencia com a esplendida alvorada da experiencia e da razão.

Infelizmente, a pretendida reforma religiosa, servida pelas paixões da mais ignobil procedencia, dirigida pela intolerancia, animada pelo fanatismo, subordinada a intuitos politicos e a ambiciosas combinações, quebrou pela heresia a unidade espiritual. A renovação philosophica das sciencias, que já haviam preludiado alguns espiritos impacientes da tyrannia de Aristoteles, tinha jus a esperar melhor futuro sob o influxo de um feliz e inspirado reformador.

A revolução religiosa, se era damnosissima á paz, á concordia e á integridade christã, tinha, comtudo, em relação á sciencia humana, o merito de desprender os espiritos de melhor quilate das péas da auctoridade, de solver os escrupulos supersticiosos, e de armar contra os erros da eschola dominante os precursores audazes da philosophia e da razão. Os homens que uma vez haviam principiado a duvidar da auctoridade hieratica, os que desde a negação das indulgencias se haviam arrojado a contestar a hierarchia, a queimar publicamente as bullas pontificaes, a negar o livre arbitrio, a justificação, e a alterar profundamente a doutrina dos sacramentos, como haveriam de venerar a auctoridade e o nome de Aristoteles, ou acceitar, sem exame nem contestação, os erros tradicionaes e as doutrinas pueris professadas por largos annos nas escholas?

Quaesquer que fossem os nobilissimos esforços e as quasi temerarias tentativas com que alguns espiritos eminentes, emancipados da obscura credulidade dos seus contemporaneos, haviam pretendido reivindicar os fóros da razão e seguir o caminho da experiencia, como o só que podia conduzir ás verdades da natureza, qualquer que fosse o ephemero esplendor projectado na philosophia e na sciencia pelo genio de Roger Bacon, de Alberto Magno, de alguns *nominalistas* celebrados, estes arremessos individuaes e isolados vinham quebrar-se contra o muro inexpugnavel, em que as universidades e os doutores, as potencias officiaes da theologia e da sciencia recatavam como o precioso thesouro do saber, como a arca santa das verdades universaes, os erros da eschola peripatetica. Como depois o fanatismo clerical liberalisou a qualificação de heresia e de impiedade aos que, venerando a verdadeira fé, se levantaram contra as abusões da singela credulidade, ou contra os profanos interesses e paixões, emboscadas na fé e na piedade; como depois a intolerancia formulou prodigamente os libellos de lesa-magestade a todos os que ousaram criticar a organisação defeituosa das modernas sociedades, assim tambem o preconceito enraizado e a ignorancia condecorada com o capello e a borla doutoral, appellaram frequentes vezes para as censuras ecclesiasticas, ou para o braço secular, contra os revolucionarios do pensamento, contra os que, refractarios á auctoridade, voltavam as armas, afiadas nas estereis controversias da escholastica, contra o peito do mestre venerando, sob cuja insignia haviam feito o seu noviciado intellectual.

Se nos alegram os triumphos brilhantes da razão na sua lucta moderna contra o preconceito centenario, se nos afaga o sentimento da nossa dignidade espiritual, a serie magestosa de conquistas e de tropheos com que se ennobrece n'este seculo o entendimento collectivo da humanidade, quanto não é para admirar o espectaculo da razão e do talento na sua lucta de tantos seculos contra a viciosa tradição e o erro pueril! Parece que a verdade, para que possa luzir em toda a sua formosa intensidade, precisa de que a precedam as trevas da intelligencia, depois o crepusculo

da razão, antes que ella no horisonte se levante e allumie, convencendo como o sol os incredulos da luz! Veja-se que de seculos para que seja uma verdade acceita, e popular a fórma espheroidal do nosso globo! Que de seculos e de hypotheses complicadas e fallazes até raiar a singela e comprehensivel doutrina de Copernico! Que de seculos e que de resistencias tenacissimas até que já ninguem se atrevesse a contestar o movimento de rotação do nosso globo! Parece que, á similhança do que succede a um homem encerrado largos tempos em quasi total escuridade, a luz vivissima da verdade universal, ferindo improvisamente os olhos da razão, produz na retina moral da consciencia uma impressão violenta, deleteria, intoleravel. Ha no erro um poder conservador que opera verdadeiros prodigios e milagres. É como um soberano, cujos titulos repoisam na antiguidade da sua dynastia, e que não cae diante da evidencia sem ter sellado o seu ultimo desbarato com o sangue de victimas illustres. Ha o que quer que seja de mysteriosamente providencial n'esta persistencia do preconceito e n'esta pertinacia da rotina. Antes que Jupiter abdique o raio nas mãos de Franklin; antes que o ferreiro, marido de Venus, se resolva a desamparar o Ethna com os seus fogos e as suas escorias, para o entregar, simples laboratorio natural, despojado de seus poeticos prodigios, á positiva reflexão dos geologos modernos; antes que os astros deixem de ser calumniados como intromettidos prophetisadores dos successos humanos, para serem disciplinados pelos geometras nas equações da mecanica celeste; antes que das conchas fosseis achadas nos montes do Egypto e citadas por Herodoto [1]; antes que dos peixes petrificados, referidos por Eudoxio de Gnido [2], se chegasse ao vastissimo thesouro da moderna paleontologia; desde as nebulosas theorias geologicas de Anaximandro, Xenophanes e Empedocles, até ás inspiradas concepções de Cuvier, de Sor Buch e do barão de Humboldt, que distancia intellectual, e que lentas e successivas gradações na sciencia experimental e especulativa! Quanto o erro é tenaz, a verdade tardia, e a propria razão cerrada á evidencia, e complacente com os systemas que ultrajam com sua artificial complicação a sublime simplicidade da natureza!

As grandes revoluções do pensamento tem sempre os seus inspirados precursores, antes que o predestinado redemptor esclareça os mais rebeldes entendimentos com a serena luz de um novo testamento da sciencia. Suscita a Providencia em cada seculo um d'estes videntes illuminados, para que, no meio das proprias sombras da razão, se assignale com estes fachos, como balisas, a ousada peregrinação do pensamento. O que era hontem vaga intuição é hoje idéa, e ámanhã será crença universal. O que hontem era loucura já hoje é apenas paradoxo, e ámanhã será verdade incontestavel. O que hontem era heresia é hoje hypothese, ámanhã dogma nos dominios da sciencia. O que era hontem frouxissimo arrebol, é já hoje aurora resplendente, e ámanhã será luz por toda a terra. Assim apparecem a espaços os grandes luminares do entendimento. Primeiro adivinham vagamente, depois affirmam com ousadia, e inscrevem para sempre uma verdade nos fastos da sciencia e da razão. A principio prophetas, depois martyres, finalmente semi-deuses. Philolau, negando ao sol a immobilidade, é na Grecia um louco; Galileo, na Italia, um martyr; Foucault, provando physicamente a rotação da terra, um applaudido triumphador.

IV

O seculo XV foi um seculo de vasta elaboração intellectual. O impulso que havia dado ao pensamento o decimo terceiro seculo continuára no seguinte, e fazia agora sentir os seus effeitos. Na historia do espirito humano, assim como na historia da natureza, não ha lacunas nem saltos inesperados. A idéa de hoje continha-se implicitamente na idéa da vespera. O tempo desenvolve, mas não cria. Os genios, que apparecem a largos intervallos na romagem da intelligencia, representam o pensamento collectivo, e aproveitam a herança dos seus passados para a feitorisarem com melhores e mais fecundos resultados.

No seculo XV as sciencias tiveram por mais illustre representante a um benemerito da egreja. Havia sido sempre da egreja que, durante a meia edade, haviam irradiado os mais vivos clarões do entendimento e os mais audazes reformadores da philosophia e da sciencia. Se muitas vezes a intolerancia religiosa d'aquelle tempo armava de censuras o braço vigoroso do poder ecclesiastico; se ainda, já no pleno vigor da moderna sciencia experimental, a egreja condemnava por temerarias muitas opiniões que julgava mal-avindas com os textos da Escriptura, não se póde negar que foi no seio d'ella que se criaram e no seu gremio floresceram os mais mimosos engenhos, os quaes nos seus claustros e nas suas cáthedras conquistaram a laurea de philosophos.

Assim como nos seculos XII, XIII e XIV, da egreja haviam partido os maiores reflexos da emancipação intellectual, nos escriptos de Rogerio Bacon, de Alberto Magno, de S. Thomaz d'Aquino, de Vicente de Beauvais, tambem a egreja, ao mesmo tempo sacrario da fé e repositorio da sciencia, deputava no seculo XV alguns dos seus mais eminentes pensadores, para atarem a tradição do pensamento scientifico, e para ligarem os tempos meio barbaros á proxima epocha de pasmosa actividade intellectual.

Nicolau de Cusa, nascido em 1591 em Cuess ou Cusa, na diocese de Treves, e decorado pelo papa Nicolau V com a purpura romana em 1448; George Peuerbach, chamado vulgarmente Purbachius, professor de theologia na cidade de Vienna, nascido em 1423 na aldeia do seu nome; e João Muller, appellidado entre os eruditos pelo nome gentilicio latino *Regiomontano* por haver sido natural de Kœnigsberg, ou *Regius mons*, e elevado pelo papa Sixto IV a arcebispo de Ratisbonna, são os tres nomes que no seculo XV mais poderosamente contribuem para o luzimento das sciencias e para a mysteriosa evolução do progresso intellectual.

O seculo XV era justamente aquelle em que, desde o seu primeiro quartel, sob a poderosa inspiração do infante D. Henrique, o mais illustre entre os filhos do mestre de Aviz, se preparavam as notaveis emprezas e descobrimentos da navegação moderna, e se pediam já á astronomia os subsidios valiosos com que dirigir em mares desconhecidos o caminho de gloriosos aventureiros. De duas maneiras se começava então a contemplar o ceo para satisfazer as terrenas ambições da conquista e dominação. Fitavam o ceo dos astros os sabedores com seus astrolabios e balestilhas, para que elles ensinassem o curso mais breve e mais seguro com que aproar ás suspiradas regiões. Invoca-se tambem o ceo de Deus para que nas mundanas emprezas de uma nova civilisação se dissimulassem as paixões humanas, com os pretextos da salvação das almas, e accrescentamento e honra da egreja universal.

A sciencia dominante no seculo XV é a astronomia, com os seus erros, as suas ficções, as suas viciosas reminiscencias da antiguidade, e as suas fecundas tradições da Grecia; mescla paradoxal de fé na auctoridade, de sciencia experimental, de imaginação quasi delirante e de recta comprehensão dos phenomenos celestes; associação extravagante de principios philosophicos e de aberrações mentaes, representados nas estultas pretenções da astrologia judiciaria; sciencia

[1] Herodot. Hist. Liv. II. Euterp. XII.
[2] Strab. XII.

que dictava ao mesmo tempo a mestre Martim de Bohemia conselhos preciosos para os portuguezes descobridores, e consentia a mestre Guedelha, o physico e astrologo del-rei D. Duarte, o tirar os seus horóscopos nefastos na acclamação d'este principe infeliz. [1]

Nicolau de Cusa, Purbachio e Regiomontano, os tres mais distinctos livres-pensadores do seculo XV na esphera das sciencias naturaes, são principalmente cultores da astronomia. As suas observações e os seus escriptos facilitam a applicação dos conhecimentos astronomicos á navegação, e preludiam a epocha brilhante dos descobrimentos e conquistas dos povos peninsulares. [2] Entre os benemeritos da sciencia especulativa podêmos nomear a Nicolau de Cusa, porque, apesar de condecorado com a purpura romana, e de haver prestado tão eminentes serviços á egreja, assistindo como theologo ao concilio de Basiléa, e sendo pelos papas Eugenio IV, Callixto II e Pio II (o celebrado Enéas Sylvio) enviado como legado *à latere* ás principaes cortes do seu tempo, não lhe foi impedimento a auctoridade clerical para que não professasse a doutrina, então havida por erronea e heretica, de não ser a terra fixa no centro de todo o systema do mundo, e de estar, pelo contrario, animada dos dois movimentos, que lhe haviam attribuido na antiguidade Aristarcho de Samos e Seleuco de Babylonia, e que Nicolau Copernico proclamou como doutrina incontestavel muitos annos depois do illustrado cardeal.

(Continua) J. M. LATINO COELHO.

[1] Mestre Guedelha oppoz-se a que D. Duarte fosse publicamente levantado e coroado á hora em que os astros se mostravam adversos ao principe portuguez; e porque este não quiz estar pelas superstições do astrologo, lhe predisse mestre Guedelha, segundo narram os chronistas, grandes e temerosas calamidades em seu reinado. Eis-aqui como Ruy de Pina refere em sua *Chronica del-rei D. Duarte* os escrupulos do physico judeu quando foi a coroação del-rei: «Ao outro dia depois do fallecimento del-rei, que eram quinze dias de agosto, o infante D. Duarte, depois de haver com os infantes seus irmãos conselho e deliberação sobre a maneira que ao diante havia de ter, como principe mui catholico e prudente, fallou ante-manhã com seu confessor aquellas culpas de que sentiu sua consciencia gravada, e tomou o Santo Sacramento, para com a limpeza da sua alma, que devia, tomar o sceptro real, que já o esperava; e estando-se para isto vestindo de pannos ricos e reaes, como para tal dignidade e ao auto seguinte convinha, chegou a elle mestre Guedelha, judeu, seu physico e grande astrologo, e lhe disse: Parece-me, senhor, que vos apparelhaes para logo entrardes na real successão que vos por direito pertence; peço-vos por mercê que este auto dilateis até passar o meio dia, e n'isso prazendo a Deus, fareis vosso proveito e será bem de vosso regno, porque estas horas que fazeis fundamento ser novamente obedecido, mostram ser mui perigosas e de mui triste constellação, cá Jupiter está retrogrado e o sol em descaimento; com outros signaes que no ceo parecem assaz infelizes. E o infante lhe respondeu: Bem sei, mestre Guedelha, que do grande amor que me tendes nascem estes cuidados do meu estado e serviço, e eu não duvido que a astronomia seja boa e huma das sciencias entre as outras permittidas e approvadas, e que os corpos inferiores são sujeitos aos sobrecelestes; porém o que principalmente creio é ser Deus sobre tudo, e que com sua mão e ordenança são todas as coisas, e por tanto este cargo que eu com sua graça espero tomar seu é e em seu nome e com esperança de sua ajuda o tomo; a elle só me encommendo e á Bemaventurada Virgem Maria sua madre, Nossa Senhora cujo dia hoje é, e com muita devação e devida humildade peço a Deus que me ensine, favoreça e ajude a governar este seu povo, que me ora quer encommendar como sentir que seja mais seu serviço. E mestre Guedelha tornou dizendo: «Senhor, a Elle praza que assim seja; como que não era grande inconveniente sobreserdes n'isto um pouco para se tudo fazer prosperamente e como devia. E o infante lhe respondeu: Não farei, pois não devo, ao menos por não parecer que mingua em mim a esperança de firmeza que em Deus e sua fe devo ter. E logo mestre Guedelha affirmou que reinaria poucos annos e esses seriam de grandes fadigas e trabalhos, como foram segundo ao diante se dirá». Ruy de Pina. *Chronica do senhor rei D. Duarte*, cap. II, na *Collecç. dos Livros Inedit. de Hist. Portug. publicados de ordem da academia real das sciencias*. Tom. I, pag 76-77. Dado o desconto devido ao dialogo entre o rei e o astrologo, em cujas palavras transparece a intenção de imitar a artificiosa oratoria dos personagens de Tito Livio, collige-se d'esta passagem ser tal ainda a auctoridade da astrologia no primeiro terço do seculo XV, que lhe cabia logar officialmente nos mais solemnes actos publicos, taes como eram a acclamação e juramento do novo rei. E ainda mais se manifesta a intervenção da astrologia nas ceremonias regias, no capitulo II da *Chronica de D. Affonso* V, onde Ruy de Pina refere como foi o alevantamento e coroação d'este soberano, podendo affirmar-se que n'estas occasiões de grande momento para o rei e para a nação, ficava a astrologia substituindo os auspicios e agoiros, em que os antigos, ao principiarem suas solemnidades e commetterem suas emprezas, buscavam inquirir a vontade propicia ou adversa dos seus numes. Descrevendo o auto de acclamação de D. Affonso V, diz Ruy de Pina: «O principe Dom Affonso posto em vestiduras reaes e bem acompanhado de todos saiu para fóra ao assentamento, onde pelo infante Dom Pedro com grande reverencia e muito acatamento foi posto na Cadeira Real. *E em quanto hum meestre Guedelha, singular Fysico e Astrologo per mandado do Yfante regulava, segundo as ynfluencias e cursos dos Planetas, a melhor ora e ponto em que se poderia dar aquela obediencia; o Yfante volveo a continença etc. E em dizendo Meestre Guedelha que era booa ora pera fazer sua obediencia, o Yfante etc.*» Chron. do senhor rei D. Affonso V, na collecção citada, t. I, pag. 205-206.

[2] «A applicação da astronomia á navegação tinha sido preparada pela influencia que exerceram desde o XIII até o XV seculo, na Italia, Andalone del Nero e o corrector das *Tabuas Alphonsinas* (Tabuas astronomicas de el-rei D. Affonso o Sabio de Castella), João Bianchini; na Allemanha George de Peuerbach e Regiomontanus. Os astrolabios, destinados a marcar, no elemento das aguas sempre movel, a medida do tempo e a latitude geographica, por meio das alturas meridianas, receberam aperfeiçoamentos successivos desde o astrolabio dos pilotos de Malhorca, descripto pelo sabio Raymundo Lullo em 1295 na sua *Arte de navegar*, até o que Martim Behaim estabeleceu em Lisboa no anno de 1484, e que era porventura o *meteoroscopio* do seu amigo Regiomontano, reduzido a mais simples estructura. Quando o infante D. Henrique, duque de Viseu, fundou em Sagres uma academia de pilotos, a mestre Jacques de Malhorca foi commettida a direcção». Humboldt *Cosmos*. Trad. franc. de Faye et Galusky. Tom. II. p. 312. Conf. João de Barros. *Asia* T. I. p. 133.

NAVIOS ENCOURAÇADOS

Ufana-se o seculo actual de ter por divisa a illustração, e por encargo d'essa divisa o derramamento da instrucção por todas as classes da sociedade. Não lhe podem os seculos passados roubar esta gloria. Em nenhum d'elles se elevou a tamanha altura a intelligencia humana, pois que nunca esta foi chamada a tratar e resolver dentro de um periodo tão curto, tantas, tão variadas, e tão importantes questões sociaes e scientificas. Em nenhum outro lidou tanto e tão proficuamente o espirito inventivo. Nenhum empregou tão geraes e assiduos esforços para dissipar as trevas da ignorancia com a luz da sciencia, levando e espalhando por toda a terra a semente d'esta arvore sagrada.

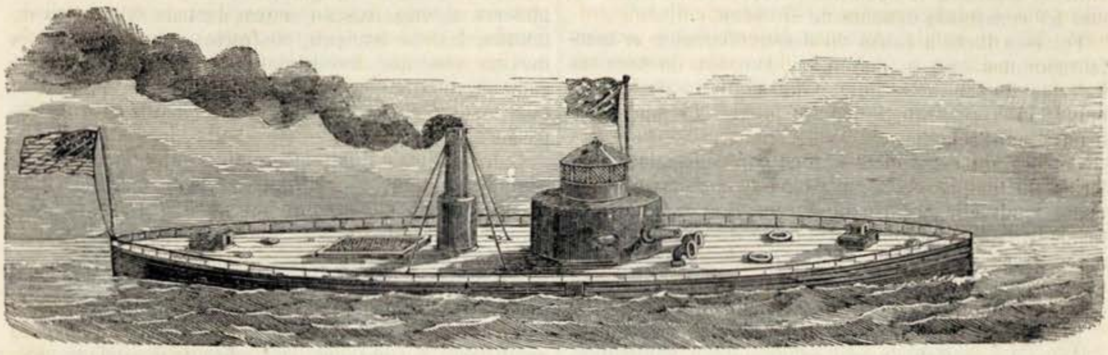
Todavia, é certo, e devemos confessar por amor da justiça, que alguns d'esses inventos maravilhosos com que nos tem assombrado ha sessenta annos para cá, não pertencem exclusivamente ao seculo XIX, porque a idéa inicial brotou em outras eras mais ou menos remotas.

Acha-se n'este caso a invenção d'essas terriveis machinas de guerra, chamadas *navios encouraçados*. A sciencia moderna não fez mais do que desenvolver e aperfeiçoar um pensamento nascido e posto em prática, embora imperfeitamente, no seculo XVI.

Hão de recordar-se, sem duvida, os nossos leitores da historia da conquista de Tunes pelo imperador Carlos V, por quanto a principal gloria d'essa empreza coube á marinha de Portugal, representada pelo famoso galeão S. João Baptista, o maior navio que se tinha fabricado até áquella epocha, e que por jogar 360 canhões denominou-o o povo — o galeão *Bota fogo*. Foi este galeão, como é sabido, que, despedaçando com o talha-mar de fino aço que tinha na prôa as grossas correntes de ferro que fechavam o porto da Goleta, e desmantelando em acto continuo com successivas bandas de artilheria os fortes que guarneciam ao lume de agua o mesmo porto, franqueou a sua entrada, até então reputada inaccessivel ao inimigo, á poderosa armada de Carlos V.

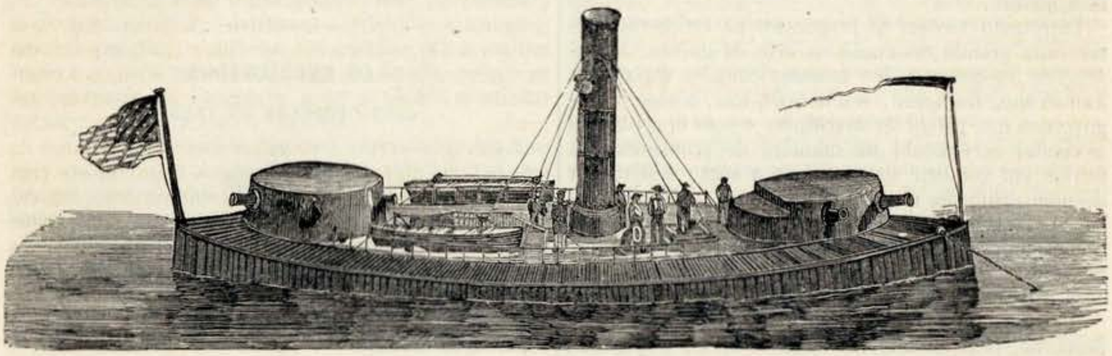
O primeiro navio encouraçado que appareceu no mar fez parte d'essa esquadra que foi á conquista de Tunes no anno de 1535. Era uma galera ou caraca chamada *Sant'Anna*, guarnecida de boa artilheria, e esquipada por 300 homens. Foi construida em Niza, na Italia, em 1530, por conta da ordem de S. João de Jerusalem, a quem pertencia, e cujos cavalleiros a tripulavam. Bosio, na sua *Historia dos cavalleiros de S. João de Jerusalem*, descrevendo este navio diz que «a sua couraça de chumbo era ligada ao costado da embarcação com cavilhas de bronze». Accrescenta depois que «a dita couraça, que não tirava ao navio parte alguma da sua ligeireza e velocidade, tinha bastante solidez para resistir á artilheria de toda uma armada, como se viu no assedio de Tunes».

O bom resultado d'esta primeira tentativa, foi causa de que, pelo tempo adiante, se fizessem novos ensaios, mas com menos felicidade, talvez por quererem aperfeiçoar a invenção. Aproveitando-se d'essas experiencias um distincto engenheiro francez, chamado João Claudio Leonor Lemichand d'Arçon, que nasceu em 1733 e morreu em 1800, inventou baterias fluctuantes e incombustiveis, correndo o anno de 1780. Aprommptando-se logo depois uma grande esquadra, sob o commando do marechal de Broglie, destinada a tomar Gibraltar aos inglezes, foram n'esta armada as baterias fluctuantes. Foi cercada e combatida a praça com



Monitor

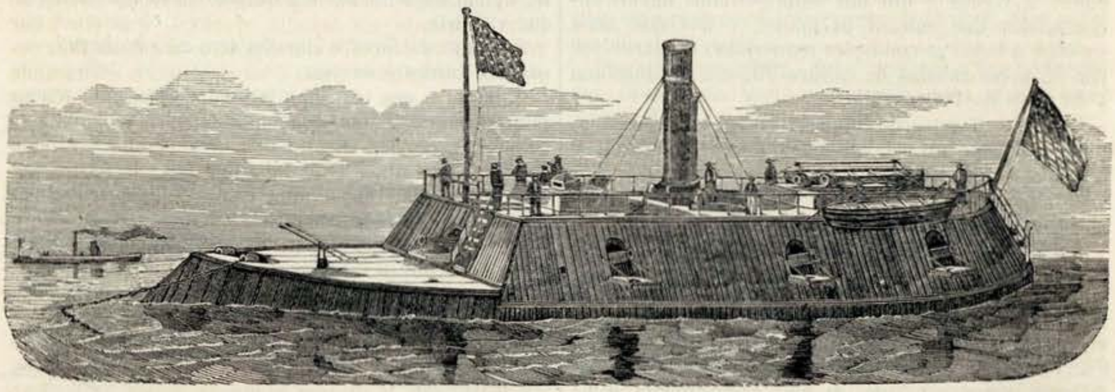
grande pertinacia, e com extraordinario valor; e mr. d'Arçon não poupou esforços para arrancar das mãos da Inglaterra a chave do Mediterraneo. Porém tudo foi baldado: Gibraltar resistiu impavida aos seus inimigos. Não obstante achar-se esta praça, por sua natureza, em circunstancias excepcionaes, que não deixavam julgar, com verdadeiro conhecimento de causa, das vantagens da invenção de mr. d'Arçon, o mallogro da



Keokuk

empreza desacreditou, ou, pelo menos, não acreditou as baterias fluctuantes. Por este motivo se passaram mais de trinta annos sem se fazerem novas tentativas.

Foi nos Estados Unidos da America, no anno de 1813, onde aquella idéa reappareceu e vigorou. Fulton, habil engenheiro constructor, ao cabo de assiduo estudo e de varios ensaios, traçou o plano de uma bateria fluctuante encouraçada, e movida a vapor, e



Novo Ironsidas

não tardou muito a levar á execução o plano, lançando ao mar a *Demologos*, ao diante chamada *Fulton* em obsequio do seu constructor.

Destruida esta bateria fluctuante por uma explosão accidental em 1829, foi substituida immediatamente por uma outra, lançada nos mesmos moldes, e que recebeu o nome de *Fulton* 2.º

Correndo o anno de 1842 pretenderam mrs. Roberto e Edevino Stevens introduzir notaveis aperfeiçoamentos no systema de Fulton, e n'esse sentido fizeram uma proposta ao governo dos Estados Unidos. Foi adiado este projecto, mas os seus auctores continuando a estudar a materia, e procedendo a varias experiencias, reconheceram que uma couraça de ferro com quatro pollegadas e meia de espessura podia resistir á artilheria. Resolveu-se então o governo a encarregar

aquelles dois engenheiros da construcção de uma bateria fluctuante com taes condições. Todavia sobrevieram delongas que espaçaram o começo dos trabalhos até julho de 1854. Mas ainda assim progrediram tão vagarosamente, que se achavam atrazados quando rebentou a guerra civil, que impelliu o governo a concluil-os depressa. A nova bateria recebeu do logar em que foi construida o nome de *Hoboken*.

Foi esta lucta a causa do desenvolvimento e aperfeiçoamentos que se deram na America do norte ás baterias fluctuantes, como o foi a guerra da Criméa em 1854 a respeito de eguaes progressos na França e na Gram-Bretanha.

Começaram estas duas nações por construirem baterias fluctuantes encouraçadas, movidas a vapor, as quaes ainda chegaram a figurar no fim da guerra da Criméa, dando solemne testimunho da sua importancia e poder na destruição das fortalezas que defendiam o porto de Nicolaïef, no mar negro, e a fortaleza de Kinbourn, na foz do Dnieper.

Este genero de embarcações tem uma acção mui limitada. A sua fórma quasi quadrangular, difficultando-lhes todos os movimentos, torna-as inuteis para os combates no alto mar, e mesmo para a navegação. Todo o seu serviço fica pois restricto ao ataque ou defensa de portos e fortalezas. Por esta razão lhe deram o nome de baterias fluctuantes, que muito bem lhes quadra.

Entretanto vieram os progressos da artilheria operar uma grande revolução na arte da guerra. As invenções successivas dos famosos canhões *Paixhans*, *Armstrong*, *Dalhgren*, *Withworth*, etc., obrigaram os governos das potencias maritimas e seus engenheiros a cogitar seriamente na maneira de protegerem os navios em combate naval contra a acção destruidora de uma artilheria de tão grande força, e de tanto alcance. Trataram pois de applicar aos navios de guerra o mesmo systema ensaiado nas baterias fluctuantes, de couraças, formadas por grandes chapas de ferro com a espessura acima indicada.

N'este ponto levou a França a dianteira á Gram-Bretanha, principiando em maio de 1858, e lançando ao mar em novembro do anno seguinte a sua primeira fragata encouraçada, movida a vapor, á qual poz o nome de *Gloria*, de certo muito significativo e bem cabido, tanto pelo lustre que este navio deu á marinha franceza, como pela honra que fez aos engenheiros *Dupuy de Lome*, auctor do risco, e *Dorian* executor. A Gloria é um dos mais perfeitos navios encouraçados que sulcam os mares, e dos que mais satisfaz a todas as condições requeridas. É guarnecido por 36 peças raiadas de calibre 30; e a sua machina é da força de 900 cavallos.

Contente o governo imperial com tal resultado, mandou lançar nos estaleiros as quilhas de mais cinco fragatas encouraçadas, denominadas *Solferino*, *Magenta*, *Coroa*, *Invencivel*, e *Normandia*, que já fazem parte da esquadra franceza.

A inglaterra seguiu immediatamente o exemplo da França, fazendo construir fragatas encouraçadas movidas a vapor. Em despique da sua rival estreou-se n'este genero de construcções com um vaso de muito maiores dimensões, e de mais força do que a Gloria. Este vaso é a fragata *Warrior*, que tem estado por diversas vezes no Tejo. O seu comprimento é de $152^m,25$, mais $74^m,25$ do que o da fragata franceza Gloria. A sua machina é da força de 1250 cavallos. Tambem é guarnecida com 36 canhões de calibre 68, e 6 peças de Armstrong. A *Warrior*, que foi começada em novembro de 1859, seguiram-se de perto as fragatas *Black Prince*, *Achilles*, *Northumberland*, *Azincourt*, *Minotauro*, *Heitor*, *Valiant*, *Defence*, e *Resistence*. A *Black Prince* (Principe negro) e *Defence* (Defesa), tambem são muito conhecidas em Lisboa, pois que já tem passado parte de dois invernos estacionadas no Tejo. A *Warrior* e a *Black Prince* tem cada uma sua machina de fazer da agua salgada agua potavel, de excellente qualidade, e de notavel pureza. Quando estão no Tejo fornecem toda a aguada para o consumo da esquadra a que pertencem.

Além d'estas dez fragatas encouraçadas, conta a Inglaterra algumas naus e outras embarcações antigas, construidas de madeira, ás quaes tem applicado o mesmo systema, revestindo-lhes todo o costado, ou sómente a parte central, excluindo a popa e proa, com chapas de ferro com quatro polegadas e meia de espessura.

Entre muitos e differentes planos que tem sido apresentados ao governo britannico para melhoramento d'este systema de vasos de guerra, figura em primeiro logar o do capitão Coles, que foi adoptado pelo almirantado. Consiste em construir sobre a coberta do navio um ou mais fortes, tambem encouraçados, guarnecidos com duas ou mais peças de artilheria de grosso calibre, e cobertos com uma cupula, que protege os artilheiros. Foi ensaiado este systema em dois navios, o *Real Soberano*, antigo, e agora appropriado ao novo plano, e o *Principe Consorte*, construido expressamente para esse effeito. No primeiro collocaram quatro fortes, e no segundo cinco.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

OS EMBRIAGADOS

CONTO POPULAR DE TRUEBA

VI

(Vid. pag. 226)

Lourenço, o ferreiro, tem já grande augmento nos fructos do matrimonio, que consiste em dois filhos como dois soes. Um d'elles tem seis annos, e o outro quatro. Sua irmã Mariquinhas, que vae completar os dez annos, é já mulherzinha na sua casa, attendendo á perfeição com que na ausencia de sua mãe veste e compõe os irmãos, varre a casa, cuida e prepara o jantar, e ceva gallinhas e bacorinhos.

A casa e a familia de Lourenço não tem experimentado alteração desde que a visitámos ha annos.

Valente está velho, porém forte e gordo, porque tem vida regalada, e ganha o sustento com o suor da pelle, dando caça de vez em quando ás lebres nas tapadas visinhas.

O monte de fezes e limalha tem não só herva, senão até cardos e sarças.

A Botija e seu marido continuam esgotando a garrafa diariamente, mas esgotando-a como Deus manda, isto é, na propria casa, o que deve ser mais salutar do que despejando-a na taberna, pois ao passo que Menchaca e Lourenço, cuja edade é quasi a metade da dos dois anciãos, estão uns carcassas, os dois esposos estão mais firmes e vigorosos que os carvalhos que sombreiam a casa de Lourenço.

Lourenço e Menchaca continuam a passar a ponte arrastando-se como reptis.

Rosa vae-se finando. Tantos e tamanhos eram os desgostos que a pobre mulher padecêra nos doze annos decorridos!

No momento em que tornâmos a visital-a está na cama, e, ao que parece, gravemente enferma; seu marido e sua filha tratam-n'a com muita solicitude, em quanto as criancinhas mais novas brincam no azinhal com a feliz indifferença da ignorancia.

Lourenço está como envergonhado, porém mais envergonhado que de costume, o que prova que praticou alguma vileza de maior calibre que as ordinarias, tal como a de ter passado cambaleante a ponte de

manhã e de noite, em vez de passal-a uma só vez de noite, segundo era habitual.

Rosa queixa-se de uma forte dor nas costas, que muito a mortifica, posto que seu marido, seguindo o proprio conselho e o da Botija, lhe applicasse já a panacéa que os singelos vasconços tem por efficacissima.

— Pelo amor de Deus, Lourenço, chama o cirurgião, que me sinto muito mal! — diz Rosa revelando na accentuação a verdade de suas palavras.

— Ai mãe da minha alma! — exclamou Mariquinhas chorando sem consolação e beijando Rosa, que procura tranquillisal-a, não obstante poder apenas fallar.

E Lourenço, quasi tão afflicto como sua filhinha, corre a buscar o cirurgião, com o qual volta passado um quarto de hora.

O cirurgião examina a doente, e repelle indignado a cataplasma que tinham applicado ás costas de Rosa, e a chavana de caldo com pimenta que a menina preparava com o fim de alliviar sua mãe.

— Bastava isso para matal-a, disse o facultativo, pois o que Rosa tem é uma hepatitis que reclama outros remedios.

O cirurgião fallava em grego para que a doente e a sua familia não comprehendessem que o que Rosa tinha era uma inflammação aguda no figado.

Depois de receitar o que julgou mais conveniente, e de aconselhar a enferma que procurasse tranquillisar o espirito, o que na sua opinião era a melhor medicina para as enfermidades do figado, retirou-se acompanhado de Lourenço, a quem fizera simuladamente signal para que o seguisse.

— Lourenço! — disse-lhe com severidade; tua mulher morre, e tu é que lhe tiras a vida! O mal que padece procede dos muitos desgostos que lhe tens dado durante annos, e a terrivel inflammação que experimenta agora, é consequencia do que hontem fizeste, passando o dia inteiro na taberna, insultando-a e batendo-lhe ao voltar a casa, segundo tu proprio me confessaste com um arrependimento que te honra, mas que infelizmente não póde salvar tua mulher.

Lourenço desatou em choro.

— Agora, accrescentou o facultativo, que comprehendia e praticava os deveres de facultativo e de homem, digo-te que a pobre Rosa não carece das tuas lagrimas, mas da tua serenidade, do teu carinho, e do teu cuidado. Que ao menos nos ultimos momentos de vida veja em ti um bom marido, um bom pae, e um homem de bem.

— Havia de sel-o ainda que nunca tivera sido, asseguro-lhe, respondeu Lourenço esforçando-se inutilmente para conter o pranto.

O arrependimento que Lourenço mostra a sua mulher, recorda a esta o arrependimento que lhe mostrára milhares de vezes, porque milhares de vezes cedêra ao vicio.

Com a profunda hypocondria que caracterisa as enfermidades do genero da que Rosa padece, a pobre mulher passa d'esta triste lembrança á consideração do abandono, das violencias e da miseria que esperam seus innocentes filhos desde o momento em que lhes falte sua mãe, e esta dor profunda, que só as mães podem comprehender, aggrava cada vez mais a molestia de Rosa, a quem o facultativo manda sacramentar ao tornar a vêl-a.

No meio das lagrimas de seu marido, de seus filhos, e de todos os visinhos que conhecem e apreciam a formosura d'aquella alma delicada e santa, Rosa recebe as consolações da religião, e fica um momento tranquilla de corpo e alma.

No quarto em que Rosa está ficou unicamente Mariquinhas cuidando de sua mãe, mas aterrada porque Valente uiva no azinhal. Quando todos se retiraram e Rosa notou que só ficára a menina no quarto, chamou-a baixinho, não porque a sua voz não fosse já debil, mas porque desejava conversar com ella de modo que ninguem observasse.

— Minha filha, disse Rosa a Mariquinhas sem poder conter as lagrimas, vou ser mais feliz que todos de casa.

— Por quê, minha mãe? — perguntou a menina com alegria, julgando que sua mãe fallava de felicidades mundanas.

— Porque vou para o ceo.

— Para subir ao ceo tem que morrer, minha mãe.

— Sim, filha.

— Não morras! — exclamou Mariquinhas abraçando sua mãe com indescriptivel mágoa.

— Se choras, minha filha, e não me escutas, morrerei, porque bem ouviste ao cirurgião que para melhorar era necessario que não me affligissem nem desgostassem.

A menina socegou, enxugou os olhos, e prometteu a sua mãe ouvil-a serenamente.

— Então ouve, minha filha, continuou Rosa, esforçando-se ao mesmo tempo para occultar a dor que lhe despedaçava o coração. Todos estamos expostos a morrer, e muito mais os que como eu se encontram gravemente enfermos. Parece-me que vou melhor e estou certa de que em breve me porei boa, porque o que me fazia mal, segundo ouvi ao cirurgião, era o remedio aconselhado pela visinha Botija; porém, se Deus quizesse ordenar outra coisa, se determinasse levar-me para o ceo, onde seria tão ditosa, peço-te que cuides de teus irmãosinhos como tenho cuidado, que lhes sirvas de mãe, que já não terão outra...

Rosa interrompeu-se, porque as lagrimas e a afflicção interior afogavam-n'a, e Mariquinhas lançou-se nos braços d'ella cobrindo-a de beijos e de caricias.

— Juro-te, minha mãe, que farei tudo que me ordenares! — respondeu a menina formando uma cruz com o dedo pollegar e o indice, e beijando com effusão aquelle signal que o nosso povo usa sempre para dar solemnidade ás suas promessas.

— Fio-me em ti, filha das minhas entranhas! — disse Rosa chorando ao mesmo tempo afflicta e alegre, e logo accrescentou: tambem te peço que trates de teu pae e lhe obedeças com o carinho, a solicitude, e a paciencia com que me tens visto tratar d'elle e obedecer-lhe.

A menina fez a sua mãe esta nova promessa, e Rosa ficou então como tranquillamente adormecida, e a menina retirou-se devagarinho para outra casa a fim de não despertal-a.

Dormia, com effeito, Rosa, mas era o somno eterno que Deus torna santo e tranquillo para os que amaram e choraram muito na terra!

VII

Havia mezes que fallecêra Rosa. Lourenço estava mui triste. A recordação de sua santa e desventurada mulher perseguia-o a todas as horas e em toda a parte, doce e amarga ao mesmo tempo, como a imagem do amor e do remorso.

Novo monte de fezes e limalha apparecia sobre o antigo coberto de hervas e cardos. Alguns visinhos e tambem antigos freguezes das aldeias proximas, ao verem Lourenço triste e arrependido de seu procedimento passado, confiavam-lhe já o concerto de seus instrumentos agrarios, enxadas, arados e podões, e o festivo som do martello parecia dissipar de certo modo a tristeza que reinava em torno da casa do ferreiro, desde que Rosa trocára aquella casa pelo solitario e funebre campo que se via sombreado por freixos e cyprestes, logo abaixo da egreja de Santa Maria.

Dir-se-hia que a alma de Rosa, em vez de voar ao ceo, ficára no debil corpo de Mariquinhas.

Mariquinhas era a viva imagem de sua defuncta mãe, no cuidado com que desempenhava o trabalho domestico, e na solicitude com que attendia ao arranjo de seus irmãos e de seu pae.

Apenas a luz do dia começava a esclarecer o valle, erguia-se alvejante nuvem de fumo do lar do ferreiro, e Mariquinhas ia á fonte com o cantaro que avultava tanto como ella.

Os bacorinhos grunhiam e as gallinhas piavam implorando o almoço; porém a sua petição era brevemente attendida, porque Mariquinhas apparecia para logo á cancella do pateo com as semeas amassadas, e o avental cheio de milho que rolava no solo, no meio dos gritos de alegria dos bacorinhos e das gallinhas, que pareciam agradecer a promptidão e a generosidade de sua nova dona.

Ás vezes os meninos, despertando com o ruido que ia na capoeira, appareciam meio nús atraz de Mariquinhas.

— Não tem vergonha, dizia-lhes esta, é d'esse modo que a gente sáe de casa?

E dando o comer ás gallinhas, empurrava os meninos para dentro de casa, reprehendendo-os sempre, conduzia-os para o quarto, lavava-lhes a carinha, quizessem ou não quizessem, vestia-os, compunha-os como podia, mas com decencia e aceio, e concedia-lhes em seguida licença para brincarem, em sitio onde não lhes fizesse mal o sol, ou no azinhal, ou na horta, ou na ferraria.

Quando uma hora depois Mariquinhas chegava á janella, e avisava seu pae e seus irmãos de que o almoço os esperava, Lourenço teria comido de beijos sua filha com mais vontade que devorava o appetitoso ainda que pobre almoço que ella preparára.

Mariquinas lavava, Mariquinhas amassava, Mariquinhas cosia, Mariquinhas estava em toda a parte, e fazia tudo como sua defuncta mãe, cujo nobre espirito a animava.

Não havia visinha a quem não saltassem as lagrimas ao vel-a nos domingos, ao soar o toque da missa do dia, encaminhar-se para a egreja com seus irmãosinhos adiante, trajando lucto rigoroso, com uma coroa de perpetuas na mão, dirigir-se ao cemiterio, ajoelhar á beira da sepultura de sua mãe, e permanecer alli durante a missa, cheia de piedade e compostura, com as lagrimas nos olhos, a oração nos labios, a recordação de sua mãe na mente, e Deus no coração.

(Continua) B. A.

FUNCHAL

CEMITERIOS DA CIDADE

Não obstante ser uma povoação de pouco mais de dezeseis mil almas, não entrando n'este numero os moradores dos arrabaldes, conta o Funchal cinco cemiterios, sendo dois de protestantes inglezes, um de judeus, e dois catholicos. Os de protestantes denominam-se *Cemiterio dos residentes*, e *Cemiterio dos adventicios*. O primeiro, tambem chamado *da larangeira*, é o maior, e mais bem disposto e ornado. Dá-lhe entrada um bello portico; encerra muitos tumulos; assombram-n'o corpulentos cyprestes e outras arvores; e embalsamam-lhe o ar mil variedades de plantas odoriferas.

O cemiterio dos judeus é pequeno, e em tudo muito inferior áquelle. Fica para o lado de éste da cidade. Sobre o portal tem uma inscripção hebraica, que vertida em portuguez diz: *Morada dos vivos;* e a era judaica de 5611, que se lê ao pé da inscripção, corresponde ao anno do nascimento de Christo de 1851.



Cemiterio catholico do Funchal

Dos cemiterios catholicos o principal está situado em um dos extremos da cidade, proximo do asylo de mendicidade. Occupa um bom espaço de terreno, dividido em ruas povoadas de cyprestes, e guarnecidas de flores. A nossa gravura, copiada de uma photographia, representa o portico da entrada d'este cemiterio, que contém uma capella e muitos mausoleos de pedra bem lavrados. A nobreza do portico deixa sem duvida ajuizar muito favoravelmente do aceio, esmero e respeito com que é mantida no Funchal a mansão dos finados. E não é este facto um documento de pouca importancia para attestar o estado de civilisação da capital da ilha da Madeira.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

62.º

PERGUNTA

Está hoje tão vulgarisado o verbo *constatar*, do francez *constater*, que não sei se o tome por gallicismo, visto que o não vejo como tal no *Glossario* de fr. Francisco de S. Luiz. — *F.*

RESPOSTA

O *Glossario* do erudito prelado não é dos melhores cathecismos para esta doutrina; e nem por um vicio estar muito vulgarisado se deve pegar a todos.

O *constatar* de que usam os francelhos é dos mais repugnantes e dissonantes gallicismos que enxovalham a nossa lingua.

E além de tão mal soante, é escusado, porque temos um chuveiro de verbos para exprimir a acção que elle significa em francez, como por exemplo: *reconhecer*; *verificar; certificar; provar* e seus compostos; *documentar; attestar; depôr*, e muitos outros.

Ora quem possue tal riqueza, e vae mendigar fóra de casa, merece que lhe pendurem ao peito a chapa dos pobres do Asylo. SILVA TULLIO.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio